

e dai-me forças para comparecer diante da luz de Deus!...

Publio ouvia-lhe a voz súplice, enquanto uma lágrima de dor indescritível rolava dos seus olhos tristes e apagados.

Perdoar? Mas, por que? Não fôra êle o ofendido e a vítima de uma existencia inteira? Singulares emoções abalavam-lhe o íntimo, enquanto numerosos soluços lhe morriam na garganta opressa.

Diante de si, estava o inimigo implacável que êle procurara, por consecutivos e longos anos de infelicidade. Mas, na sua introspecção, sabia entender, igualmente, as suas proprias culpas, recordando os excessos da sua severidade vaidosa. Tambem êle estava alí como um cadáver ambulante, no seio das sombras espessas. De que valeram as honrarias e o orgulho desenfreado? Todas as suas esperanças de ventura estavam mortas. Todos os seus sonhos aniquilados. Senhor de uma fortuna considerável, não viveria mais, no mundo, senão para carregar o esquife negro de suas ilusões despedaçadas. Todavia, seu íntimo se recusava ao perdão da hora extrema. Foi então que se lembrou de Jesus e de sua doutrina de amor e piedade pelos inimigos. O mestre de Nazaré perdoara a todos os seus algozes e ensinara aos discípulos que o homem deve perdoar setenta vezes sete vezes. Recordou, igualmente, que, por Jesus, sua espôsa imaculada morrera nas ignominias do círculo infamante; por Jesus voltara Flaminio do reino das sombras, para incliná-lo, um dia, ao perdão e á piedade...

Os ruídos de fóra denunciavam que a hora derradeira de André estava proxima. O proprio Simão já caminhava vacilante e ensanguentado, depois do açoite, para o interior da prisão, epilogando o suplicio.

Foi então que Publio Lentulus abandonando todas as tradições de orgulho e vaidade, sentiu que no íntimo da alma brotava uma fonte de linfa cristalina. Copiosas lágrimas desceram-lhe ás faces rugosas e macilentas, das orbitas sem expressão, dos olhos mortos e, como se desejasse fitar o inimigo com os olhos espirituais,

afim de mostrar-lhe a sua comiseração e a sua piedade, exclamou em voz firme:

— Estais perdoado...

Voltando imediatamente á sala contígua e sem esperar qualquer resposta, comprehendeu que era chegada a última hora do inimigo.

Daí a minutos, o cadáver de André de Gioras era arrastado ás Gemonias, para ser atirado ao Tibre sanguinoso.

O senador nada mais percebeu do restante das numerosas cerimônias no Templo de Júpiter.

O cortejo era agora iluminado pela claridade de mil fachos colocados pelos escravos em quarenta elefantes, por ordem de Tito, ao cair das primeiras sombras da noite, mas o senador, acarinhado nos seus padecimentos morais, regressava em liteira ao palacio do Aventino, onde se fechou nos seus apartamentos particulares, alegando grande cansaço.

Tacteando na sua noite, abraçou-se á cruz de Silêncio, que lhe fôra deixada pela crença da espôsa, molhando-a com as lágrimas da sua desventura.

Em meditações amargas- e dolorosas, pôde então compreender que Lívia vivera para Deus e êle para Cesar, recebendo ambos compensações diversas na estrada do destino. E enquanto o jugo de Jesus fôra suave e leve para sua mulher, seu altivo coração estava preso ao terrível jugo do mundo, sepultado nas suas dores irremissíveis, sem claridade e sem esperanças.

IX

LEMBRANÇAS AMARGAS

Logo após os penosos acontecimentos de 70 e de conformidade com os desejos de Flavia, o senador passou a residir na sua vivenda confortável de Pompéia, longe dos bulícios da capital. Lá poderia entregar-se melhor ás suas meditações.

Para lá transportara então, o velho político, todo o seu volumoso arquivo, bem como as lembranças mais carinhosas e mais importantes da sua vida.

Dois libertos gregos, extremamente cultos, foram contratados para os trabalhos de escrita e leitura, e assim é que no seu retiro se mantinha êle ao corrente de todas as novidades políticas e literárias de Roma.

Nesses tempos recuados, quando o homem se encontrava ainda longe dos benefícios preciosos da invenção de Gutemberg, os manuscritos romanos eram raros e sumamente disputados pelas elites intelectuais da época. Uma casa editora, quasi sempre dispunha de uma centena de escravos calígrafos, inteligentes, que confeccionavam mais ou menos mil volumes comuns, aproximadamente.

Publio, porém, possuia em Roma sinceras e numerosas amizades ao seu serviço, recebendo em Pompéia todos os écos dos acontecimentos da cidade que lhe absorvera as melhores energias da vida.

Amiudadamente, recebia também notícias de Plínio Severus, por intermédio de amigos desvelados, confortando-se intimamente com as informações dignas, da sua nova conduta, porquanto, pelos meritos conquistados nas Gálias, fôra transferido, depois de 73, para Roma, onde, pela correção do proceder, embora tardivamente, conquistara posição respeitável e brilhante, prosseguindo nas tradições da probidade paterna, nos cargos administrativos do Império.

Plínio, todavia, não mais voltara a procurar a esposa ou aquele que o destino o compelia a considerar como um pai dedicado e carinhoso, embora não ignorasse o supremo infortúnio dos seus familiares. No íntimo, o antigo oficial romano não desdenhava a idéia de regressar ao seio dos entes queridos; todavia, desejava fazê-lo em condições de dissipar todas as dúvidas, quanto ao considerável esforço próprio, de sua regeneração. Galgando postos de confiança na administração dos Flavianos, queria uma posição de maiores vantagens morais, de maneira a levar aos seus íntimos a certeza da sua reabilitação espiritual.

Corria o ano de 78, na placidez das paisagens formosas da Campania. Enquanto Tibur representava uma estação de cura e descanso regenerador para os romanos mais rieos, Pompéia era bem a cidade dos romanos mais sadios e mais felizes. Em suas vias públicas encontravam-se, a cada passo, os mármores soberbos e o bom gôsto das mais belas construções da capital aristocrática do Império. Em seus templos suntuosos, aglomeravam-se assembleias brilhantes, de patrícios educados e cultos, que se instalavam na cidade linda, povoada de cantores e poetas, ao pé do Vesuvio e iluminada por um céu de maravilhas, cheio de sol harmonioso ou bordado de estrélas cariocas.

Publio Lentulus, agora, apreciava, sobremaneira, a palavra simples e convincente de Ana, que envelhecerá ao lado de Flavia, qual bela figura de marfim antigo. Era de ver-se o seu interesse comovido e a sua alegria íntima em a ouvindo sobre a excelência dos princípios cristãos, quando se entretinham em recordações da Ju-deia distante.

Nessas amaveis palestras, entre os três, logo após o jantar, discutia-se a figura do Cristo e as sublimadas ilações da sua doutrina, conseguindo o senador, pela força das circunstâncias, meditar melhor os grandiosos postulados do Evangelho, ainda fragmentario e quasi desconhecido, para ligar os princípios generosos e santos do Cristianismo á personalidade do seu divino fundador.

Longas horas ficavam ali no terraço amplo, aquelas três criaturas em cujas frontes se vincavam as experiências dos anos, como se as brisas da noite fôssem sôprios suaves de inspirações celestes, sob a luz branda das estrélas.

Por vezes, Flavia fazia um pouco de música, que saía da sua harpa como fulgurante gemido de dor e de saudade, alcansando o coração paterno mergulhado no abismo de suas dolorosas reminiscências. E' que a música dos cegos é sempre mais espiritualizada e mais pura, porque, na sua arte, fala a alma profunda, sem as emoções dispersas dos sentidos materiais.

Uma noite, obedecendo ao habito de muitos anos, vamos encontrar aquelas três criaturas no espaço do terraço da vila de Pompéia, em rememorações carinhosas e amigas.

Havia mais de sete anos que quasi todas as palestras versavam, alí, sobre a personalidade do Messias e a exelsa pureza da sua doutrina, observada, antes de tudo, a precisa discrição, por quanto os adeptos do Cristianismo ainda continuavam perseguidos, embora com menos crueldade.

Em todo caso, invariavelmente, a conversação era de enfermos e de velhos, sem provocar o interesse dos amigos mais moços e mais felizes.

Depois de algumas lembranças e comentários de Ana, a respeito da angustiosa tarde do Calvario, exclamava o velho senador em tom convencido:

— De mim para comigo, tenho a certeza de que Jesus ficará para sempre no mundo como o mais elevado símbolo de consolação e fortaleza moral para todos os sofredores e para todos os tristes!...

Desde os primeiros dias de minha cegueira material procuro, intimamente, compreender-lhe a grandeza e não consigo apreender toda a extensão da sua exceléncia e dos seus ensinos.

Lembro-me, como se fôsse ontem, do crepúsculo formoso em que o vi pela primeira vez, ao longo das margens do Tiberíades...

— Eu tambem — murmurou Ana — não consigo olvidar aquelas tardes deliciosas e claras em que todos os servos e sofredores de Cafarnaum nos reuniamos á margem do grande lago, esperando o suave enlêvo das suas palavras.

E, como se estivesse contemplando o desfile de suas recordações mais queridas, com os olhos da imaginação, a velha serva continuava:

— O Mestre apreciava a companhia de Simão e dos filhos de Zebedeu e, quasi sempre, era em uma de suas barcas que êle vinha, carinhoso, atender ás nossas rogativas...

— O que mais me assombra — dizia Publio Lentulus impressionado — é que Jesus não era, ao que se soubesse, um doutor da Lei ou um sacerdote formado pelas escolas humanas. Sua palavra, entretanto, estava como que ungida de uma graça divina. O olhar sereno e indefinível, penetrava o fundo da alma e o sorriso generoso tinha a complacencia de quem, possuindo toda a verdade, sabia compreender e perdoar os erros humanos. Seus ensinos, diariamente meditados por mim, nestes últimos anos, são revolucionários e novos, pois arrazam todos os preconceitos de raça e de familia, unindo as almas num grande amplexo espiritual de fraternidade e tolerancia. A filosofia humana jamais nos disse que os aflitos e pacíficos são bem-aventurados no céu; entretanto, com as suas lições renovadoras, modificamos o conceito de virtude, que, para o Deus soberano e misericordioso das Alturas, não está no homem mais rico e poderoso do mundo, mas no mais justo e mais puro, embora humilde e pobre.

Sua palavra compassiva e carinhosa espalhou ensinamentos que sómente hoje posso compreender, na sombra espessa e triste dos meus sofrimentos...

— Meu pai — exclamou Flavia Lentulia, extremamente interessada na conversação — chegastes a ver o profeta muitas vezes?...

— Não, filha. Antes do dia nefasto de sua morte infamante na cruz, sómente o vi uma vez, ao tempo em que eras pequenina e doente. Isso bastou, contudo, para que eu recebesse nas suas palavras sublimes, luminosas lições para toda a vida. Só hoje entendo as suas exortações compassivas e carinhosas, compreendendo que a minha existencia foi bem uma oportunidade perdida!... Aliás, já naquele tempo, sua profunda palavra me dizia que eu defrontava, no minuto do nosso encontro, o maravilhoso ensejo de todos os meus dias, acrescentando, na sua extraordinaria benevolencia, que eu poderia aproveitá-lo naquela época ou daí a milenios, sem que me fôsse possível apreender o sentido simbólico de suas palavras...

— Todas as concessões de Jesus eram a Verdade santificada e consoladora, acrescentou Ana, agora gozando de toda a intimidade com os seus senhores.

— Sim — exclamou Publio Lentulus, concentrado nas suas reminiscencias — minhas observações pessoais autorizam-me a crer da mesma forma.

Se eu tivesse aproveitado a exortação de Jesus naquele dia, talvez houvesse alijado mais de metade das provações amargas que a Terra me reservava. — Se houvesse buscado compreender sua lição de amor e humildade, teria procurado André de Gioras, pessoalmente, reparando o mal que lhe havia feito, com a prisão do filho ignorante, demonstrando-lhe o meu interesse individual, sem confiar tão sómente nos funcionários irresponsáveis que se encontravam a meu serviço... Guiado por esse interesse, teria encontrado Saúl facilmente, pois Flaminio Severus seria, em Roma, o confidente dos meus desejos de reparação, evitando dessa maneira a dolorosa tragédia da minha vida paternal.

Se houvesse entendido bastante a sua caridade, na cura de minha filha, teria conhecido melhor o tesouro espiritual do coração de Lívia, vibrando com o seu espírito na mesma fé, ou caíndo juntamente com ela na arena ignominiosa do circo, o que seria suave, em comparação com as lentas agonias do meu destino; teria sido menos vaidoso e mais imenso, se lhe houvesse entendido a preceito a lição de carinho e fraternidade...

— Meu pai — exclamava, porém, a filha, de molde a confortar-lhe as agruras do coração — se Jesus é a sabedoria e a verdade, de qualquer modo élê saberia compreender as razões da vossa atitude, sabendo que fôstes forçado pelas circunstâncias a manter esse ou aquele princípio em vossa vida.

— Minha filha, nestes últimos anos — revidou Publio, ponderamente — tenho a presunção de haver chegado às mais seguras conclusões, a respeito dos problemas amargos da dor e do destino...

“Acredito hoje, com a experiência propria, que as atividades penosas do mundo me ofertaram, que nós contribuímos, sobretudo, para agravar ou atenuar os rigo-

res da situação espiritual, nas tarefas desta vida. Admitindo, agora, a existencia de um Deus Todo Poderoso, fonte de toda a misericordia e todo o amor, creio que a sua lei é a do bem supremo para todas as criaturas. Esse código de solidariedade e de amor deve reger todos os sérões e, dentro dos seus dispositivos divinos, a felicidade é o determinismo do céu para todas as almas. Toda vez que caímos ao longo do caminho, favorecendo o mal ou praticando-o, efetuamos uma intervenção indébita na lei de Deus, com a nossa liberdade relativa, contraíndo uma dívida com o peso dos infortúnios...

Não me referindo aos meus atos pessoais, que agravaram as minhas angustiosas dores íntimas, e considerando Jesus como medianeiro entre nós e Aquele que a sua profunda palavra chamava Pai Noso, fico hoje a pensar se não cometí um êrro, forçando a sua misericordia com a minha súplica paternal, afim de que continuasses a viver neste mundo, para o nosso amor em família, quando eras pequenina!...

Flavia Lentulia e Ana, que acompanhavam os raciocínios do senador, desde muitos anos, lhe seguiam as conclusões morais, cheias de surpresa, em face da facilidade íntima com que sabia aliar as lições penosas do seu destino aos princípios pregados pelo profeta nazareno.

— Na verdade, meu pai — disse Flavia Lentulia depois de longa pausa — tenho a impressão de que as fôrças divinas haviam deliberado arrebatar-me do mundo, considerando as dores penosas que me esperavam na estrada escabrosa do meu destino desventurado...

— Sim — ajuntou o senador, cortando-lhe a palavra — ainda bem que me compreendeste as referências. A vida e o sofrimento nos ensinam a entender melhor o plano das determinações de ordem divina.

Antigos iniciados das religiões misteriosas do Egito e da India acreditam que nós voltamos várias vezes á Terra, noutros corpos!...

Nesse instante, o velho patrício fez uma pausa.

Lembrou-se dos seus antigos sonhos, quando, em se vendo com a indumentaria de Consul dos tempos de Ca-

tilina, infligia aos inimigos políticos o suplício da cegueira, a ferro incandescente, quando se chamava Publio Lentulus Sura.

Nos seus pensamentos caía como uma torrente de ilações novas e sublimadas, como se fôssem renovadoras inspirações da sabedoria divina.

Mas, depois de alguns instantes, como se o relogio da imaginação houvesse parado alguns minutos para que o coração pudesse escutar o tropel das lembranças no deserto do seu mundo subjetivo, murmurava, confortado, na posse do tardio roteiro do seu amargurado destino:

— Hoje creio, minha filha, que, se as energias sábias do céu haviam decidido a tua morte, em pequenina; determinação essa que eu possivelmente contrariei com a minha súplica angustiosa de pai, descoberta em silêncio pelo Messias de Nazaré no recôndito do meu orgulhoso e infeliz coração — é que deverias ficar livre do cárcere que te prendia, de modo a te preparares melhor para a resignação, para a fortaleza e para os sofrimentos. Certamente, renascerias mais tarde e encontrarias as mesmas circunstâncias e os mesmos inimigos, mas terias um organismo mais forte para resistir aos embates penosos da existência terrestre.

Reconhecemos hoje, portanto, que ha uma lei soberana e misericordiosa a que devemos obedecer, sem interferir no seu mecanismo feito de misericordia e sabedoria...

Quanto a mim, que tive um organismo resistente e uma fibra espiritual saturada de energia, sinto que, em outras vidas, procedí mal e cometí crimes nefandos.

Minha atual existência teria de ser um imenso rosário de infindas amarguras, mas vejo tardivamente que, se houvesse ingressado no caminho do bem, teria resgatado um montão de pecados do pretérito obscuro e delituoso. Agora entendo a lição do Cristo, como sendo o ensinamento imortal da humildade e do amor, da caridade e do perdão, caminhos seguros para todas as conquistas do espírito, longe dos círculos tenebrosos do sofrimento!

E lembrando o sonho que relatara a Flaminio, nos tempos idos, concluia:

— A expiação não seria necessária no mundo, para burilamento da alma, se compreendessemos o bem, praticando-o por atos, palavras e pensamentos. Se é verdade que nasci condenado ao suplício da cegueira, em tão tragicas circunstâncias, talvez tivesse evitado a consumação desta prova, se abandonasse o meu orgulho para ser um homem humilde e bom.

Um gesto de generosidade de minha parte teria modificado as íntimas disposições de André de Gioras; mas, a realidade é que, não obstante todos os preciosos alvitres do Alto, continuei com o meu egoísmo, com a minha vaidade e com a minha criminosa impenitencia. Agravei, dêsse modo, meus débitos clamorosos perante a Justiça Divina, e não posso esperar magnamidade dos juizes que me aguardam...

O velho Publio Lentulus tinha uma lágrima dolorosa no canto dos olhos apagados, mas, Ana que ansiosa lhe escutara as palavras e conceitos, e que se regosijava intimamente verificando que o orgulhoso senhor atingira as mais justas conclusões de ordem evangélica, ilações a que também ela havia chegado nas meditações da velhice, esclarecia, bondosamente, como se as suas afirmativas simples e incisivas chegassem no momento justo para a consolação de todos:

— Senador, — todas as vossas observações são criteriosas e justas. Essa lei das vidas multiplas, em favor do nosso aprendizado nas lutas penosas do mundo, eu a aceito plenamente, pois, nas suas divinas lições, Jesus asseverou que “ninguem poderá penetrar o reino dos céus sem renascer de novo”. Presumo, todavia, que apesar da vossa cegueira material e dos vossos padecimentos, que sei compreender em toda a sua angustiosa intensidade, deveis trazer a alma plena de crença e de esperanças no futuro espiritual, porque também o Cristo nos afiançou que Nosso Pai não quer que se perca uma só de suas ovelhas!...

Publio Lentulus sentiu que uma força inexplicável lhe brotava no íntimo, como se fôra um manancial des-

conhecido, de estranho conforto, preparando-o para enfrentar dignamente todos os amargores.

Sim — murmurou de leve — sempre Jesus!... Sempre Jesus!... Sem ele e sem os ensinos de suas palavras que nos enchem de coragem e de fé para alcançar um reino de paz no porvir da alma, não sei bem o que seria das criaturas humanas, agrilhoadas ao cárcere dos sofrimentos terrestres... Sete anos de padecimentos infindos na soledade dos meus olhos mortos, figuram-se-me sete séculos de aprendizado cruel e doloroso! Somente assim, porém, poderia chegar a entender a lição do Crucificado!

O velho patrício, todavia, em pronunciando a palavra "crucificado", reconduziu o pensamento a Jerusalém, na Páscoa do ano 33. Recordou que tivera em mãos o processo do Emissário Divino, e só então ponderou a tremenda responsabilidade em que se vira envolvido naquele dia inolvidável e doloroso, exclamando depois de longa pausa:

— E pensar que, para um espírito como aquele, não houve siqueir um gesto decisivo de defesa, da nossa parte, no angustioso momento da cruz infamante!... Para mim, que agora vivo tão sómente das minhas recordações amargas, parece-me vê-lo ainda á frente dos meus olhos, com os tristes estigmas da flagelação!...

"Nele, concentrava-se todo o amor supremo do céu para redenção das misérias da Terra e, entretanto, não vi pessoa alguma trabalhar pela sua liberdade, ou agir ativamente em seu favor!..."

— Menos alguém... — exclamou Ana, inopinadamente.

— Quem chegou a ter êsse gesto nobre? — perguntou o velho cego, admirado. "Não me constou que alguém o defendesse.

— E' porque ignorastes, até hoje, que vossa digna consorte e minha inesquecível benfeitora, atendendo aos nossos rogos, se dirigiu imediatamente a Pôncio Pilatos, tão logo o triste cortejo havia saído da corte provincial romana, para interceder pelo Messias de Nazaré, injustamente condenado pela multidão enfurecida. Recebida

pelo governador no seu gabinete particular, foi em vão que a nobre senhora implorou compaixão e piedade para o Divino Mestre.

— Então Lívia chegou a dirigir-se a Pilatos para suplicar por Jesus? — perguntou o senador interessado e perplexo, recordando aquela tarde angustiosa da sua vida e rememorando as calunias injuriosas de Fúlia, a respeito de sua mulher.

— Sim — respondeu a serva — por Jesus, seu coração magnânimo desprezou todas as convenções e todos os preconceitos, não vacilando em atender ás nossas súplicas, tudo fazendo por salvar o Messias da morte infamante!...

Públio Lentulus sentiu, então, grande dificuldade para externar seus pensamentos, com a garganta sufocada de emoção, dentro de suas amargas lembranças, e com os olhos mortos, mareados de lágrimas...

Ana, porém, recordou todos os pormenores daquele crepúsculo doloroso, relatando suas passadas emoções, enquanto o senador e a filha lhe escutavam a palavra, tomados de pranto no caminho da dor, da gratidão e da saudade.

E era desse modo que, ao fim de cada dia, sob o céu brilhante e perfumado de Pompéia, aquelas três almas se preparavam para as realidades consoladoras da morte, dentro da claridade terna e triste das lições amargas do destino, na esteira das recordações amigas e carinhosas.

X

NOS DERRADEIROS MINUTOS DE POMPÉIA

Em radiosa manhã do ano de 79, toda Pompéia despertou em rumores festivos.

A cidade havia recebido a visita de um ilustre questor do Império e, naquele dia, todas as ruas se movimentavam em alacridade barulhenta, aguardando-se, para